

## UNANIMIDADE INTELIGENTE



**S**e há uma unanimidade inteligente na polêmica energética, ela refere-se à utilização de energias limpas. Os combustíveis fósseis, como o petróleo e o carvão, além de finitos, respondem por venenosas emissões gasosas que provocam o efeito estufa na atmosfera. Por outro lado, energias supostamente mais palatáveis, como a geração hidrelétrica, são limitadas em capacidade, além de, rigorosamente, também interferirem desfavoravelmente no ecossistema, desviando rios e expulsando flora e fauna de seus habitats naturais. Já outras fontes alternativas, como a eólica ou o biodiesel, não têm escala suficiente para influir no déficit energético que se agiganta com o crescimento econômico.

Em artigo de capa para esta edição de **Custo Brasil – Soluções para o**

**Desenvolvimento**, o presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (ABEN), Guilherme Camargo, adverte para o perigo que este déficit pode representar para o desenvolvimento. Hoje, com a crise mundial, o Brasil equilibra a demanda energia com a oferta precária de geração. Mas, basta um solavanco de crescimento na economia e o País, adverte Camargo, sentirá os efeitos desta carência de infraestrutura energética. Os apagões elétricos do passado são uma amostra deste cenário tenebroso.

Por vocação natural, as usinas hidrelétricas respondem por quase 90% da produção elétrica brasileira, mas têm restrições ambientais e estão chegando ao seu limite de produtividade. Segundo o Plano Nacional de Energia, a demanda deverá crescer

3,5% ao ano até 2030, sendo necessário adicionar 53,7 gigawatts à matriz energética. Para Camargo, são boas razões para o Brasil diversificar a sua produção energética, investindo em energia nuclear. Angra I e II já representam 50% da energia consumida no Sudeste. Com a entrada em operação de Angra III, prevista para 2014, esta participação subirá para 80%.

O Programa Nuclear Brasileiro (PNB) nasceu após a 2ª Guerra Mundial com o propósito de equipar o País de *know-how* em tecnologia nuclear. A construção das usinas Angra I e II, em plena ditadura militar, foi marcada por atrasos, orçamentos estourados e falta de transparência. Agora, com a construção de Angra III, finalmente iniciada, espera-se que tanta energia não seja mais jogada fora.